

Entrevista

LYA LUFT

Iara Barroca¹

Iara Barroca: Lya, você iniciou suas produções literárias com os livros **Canções de Limiar**, **Flauta doce** e **Matéria do Cotidiano**. Mas o que foi realmente determinante para que você decidisse entrar, de fato, no mundo da ficção?

Lya Luft: “Desde criança muito pequena, numa casa onde havia muitos livros e se contavam muitas histórias, desejei jogar esse jogo (assim me parecia então): inventar pessoazinhas e brincar com palavras. Para mim personagens eram como bonequinhos que a gente inventava. Muito insegura intelectualmente, escrevi crônica de jornal e poesia, e publiquei, e só aos 27 anos me animei a escrever um pequeno romance, antes uma novela. Mostrei para um velho amigo escritor, que disse: “Tudo muito bonito, muito bem escrito, mas não acontece nada, poucos fatos! Você não é ficcionista. Fique no que faz bem, crônica e poesia.” Mais de dez anos depois, tentei contos, e mandei a meu então editor, Pedro Paulo

Madureira, da Nova Fronteira, para quem eu traduzia bastante. Resposta dele: “Seus contos são publicáveis, posso publicar.mas são todos romances abortados.Você é uma romancista! Sente e escreva romance”. Dois anos depois,surgiram **As parceiras**, e eu tinha 40 anos, mas penso que foram bons recados, pois amadureci.”

IB: Como foi a experiência de publicação de três romances seguidos: **As parceiras**, 1980; **A asa esquerda do anjo**, 1981 e **Reunião de família**, 1982? Houve alguma motivação especial para que estes romances tenham sido constituídos tão seguidamente?

Lya Luft: Foi apenas natural, e totalmente inesperado para mim também. Como se depois de 40 anos se houvesse aberto uma represa, e as histórias, personagens, climas, se acumulavam. Em 83 eu na verdade já tinha pronto **O quarto fechado**, mas pedi a meu editor que o guardasse para 84, pois eu mesma achava demais, um

¹ Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas.

livro por ano. Mais tarde aprendi que é tolice: a gente deve escutar o ritmo de sua arte, e pronto.

IB: Os romances publicados até o final da década de 80 privilegiam visões que esboçam uma representação para a questão da família, da morte, da condição feminina e, principalmente, para a condição humana. Como você explicaria essa “predileção temática”, se assim a isso eu posso chamar, e por que esses conflitos tanto povoam o seu imaginário ficcional?

Lya Luft: Não faço a menor idéia. Sempre observei, e sempre me fascinaram as questões existenciais humanas, sendo as principais, para mim, relacionamentos amorosos (incluindo familiares), vida e morte, e o sentido de tudo que nunca encontraremos. Cada escritor tem seu território: esse é o meu, em ficção e poesia. Nele me sinto bem, e mesmo temas sombrios escrevo com grande alegria, grande prazer. Muito lúdico.

IB: Percebe-se, em todos os seus romances, a constante presença de situações que nos remetem aos contos de fadas. Essa postura tem alguma ligação com suas leituras de infância? Quais foram os livros mais lidos – especialmente na sua infância – e quais deles mais a marcaram?

Lya Luft: Toda a minha obra se enraíza profundamente nos contos de fadas,

que me eram contados, e depois passei a ler, com fascinação. Para mim era tudo real — na verdade a realidade não existe. Existe o que inventamos. Também sobre ela. O belo sinistro, pois são contos de grande beleza, e muita crueldade. Algo parecido encontrei já adolescente na poesia de minha outra grande influência, Rainer Maria Rilke: belo e enigmático.

IB: De que forma o trabalho de tradução a que você se dedicou – e dedica até os dias de hoje – exerceu influência sobre o que você escreveu e ainda escreve?

Lya Luft: Traduzir foi o exercício permanente que talvez tenha me ajudado a ter essa total naturalidade com o escrever, pois escrevo como respiro, embora seja muito exigente com meu texto, reescreva, delete, rearrume muito até o final. Traduzi durante muitos anos várias horas todos os dias. Porém no estilo, penso que o tradutor-escritor aprende a se defender, a instaurar mais e mais firmemente seu estilo próprio, defendendo-se de tantos outros com que lida no curso de uma vida de tradutor. Ou, traduzindo Virginia Woolf, eu correria o risco de escrever “à la Virginia Woolf”, etc etc etc.

IB: Qual foi o trabalho de tradução mais marcante em sua carreira de tradutora?

Lya Luft: Talvez “Cadernos de Malte Laurids Brigge”, texto em prosa de Rilke. Fascinante.

IB: Qual é a diferença entre a Lya que traduz e a Lya ficcionista?

Lya Luft: A tradutora, ao ligar seu computador cada manhã, é toda uma grande orelha escutando o que seu colega estrangeiro, vivo ou morto, quis dizer, e como ele gostaria que eu o dissesse em português para melhor aproximar sua obra deste leitor brasileiro. Quando escrevo textos meus, sou toda voltada para dentro, sondando meu inconsciente, de onde tudo brota, escutando minha fantasia, atendendo a meus impulsos, desejos, prazer e intuição em linguagem e trama. A autora Lya Luft não quer nada de fora, muito menos teoria, regras, ensinamentos. O livro é quem se escreve em mim.

IB: Percebo, enquanto pesquisadora, que os romances **A sentinela** e **O ponto cego** inauguram um novo cenário em suas ficções. Neles, personagens não são mais inteiramente tangidas por fatalidades, mas, sim, responsáveis por suas próprias escolhas. Como foi feito esse percurso de reelaboração ficcional, diante de situações tão contrárias, constituintes de seus romances anteriores?

Lya Luft: Isso começou com *A Sentinela*, de 94, escrito após seis anos de afasia, quando pensei que nunca mais escreveria nada, só ficaria traduzindo. Nora, a personagem central, no meio das fatalidades todas, borda seus quadros, metaforicamente escolhe e dirige e combina fios e cores e desenhos. Mas só me dei conta disso quando o livro estava pronto! Foi a primeira vez que uma personagem minha “dava a volta por cima”. Como eu estava dando, depois de um momento muito sombrio de minha vida, seis anos antes.

IB: Quais são – ou quais foram – suas afinidades literárias? E por que esses autores ou obras se tornaram afins ao seu modo de ler o mundo?

Lya Luft: Foram diversas afinidades em diversas fases da vida. Na infância, o mundo das fadas. Na adolescência, Érico Veríssimo com **O continente**. Mais tarde, Lygia Fagundes Telles com seus contos e romances. (Ao contrário do que se pensa, pouca afinidade com Clarice, embora a admire muito.). Sempre Rilke na juventude, em poesia, comecei com grande afinidade por Cecília Meirelles. Mas com o tempo vão-se esfumando essas afinidades eletivas, eu acho.

IB: O que você definiria por trágico? Pode-se dizer que você é uma autora que escreve, de certa forma, sobre o

trágico? Em que sentido você o vê, o interpreta ou o recria?

Lya Luft: Não sei a diferença entre ver, interpretar e recriar. Mas o trágico é exatamente, para mim, no meu texto, esse ser tangido pelas fatalidades, não ter saída. Ou ser uma “saída” Mortal.

IB: Se você fosse escrever um romance, hoje, qual seria o tema a que você se dedicaria a *ficcionalizar*? Por quê?

Lya Luft: Eu estou escrevendo um romance, lendo meu mais recente texto de ficção **O silêncio dos amantes**, contos. Nunca penso racionalmente a respeito disso. Meu tema é sempre a estranheza da vida. Neste livro novo, que apenas se esboça, há um espelho no fundo de um corredor, e nesse espelho um mar, e penso que no fim de tudo a personagem entenderá que a realidade é a do espelho, aqui fora é tudo sonho. Mas ainda há muito por escrever, imaginar, explorar no fundo de mim mesma.

IB: De todos os romances publicados até hoje, qual é o seu predileto ou qual é o mais pungente, aos seus olhos? Por quê?

Lya Luft: Talvez **O ponto cego**, pela inocência do menino trágico. E porque pela primeira vez realizei um velho projeto, uma criança narrando os dramas e sombras de sua família e

de seus próprios sofrimentos. Outro, anterior, seria o *Exílio*, com a figura terna e sinistra e enigmática do Anão, que não sei de onde veio... mas até hoje me impressiona.

IB: Em entrevista recente, sobre o livro **Perdas e ganhos**, você disse que este “é um livro que já está distante”. Em que sentido você se refere a essa distância? O que você diria sobre a classificação que normalmente é conferida a esse livro: *Best seller* ou autoajuda? Alguma dessas categorizações foi a sua intenção?

Lya Luft: Acho que caracterizar como auto-ajuda é fruto de ignorância ou má vontade. Ninguém pode ser tão tolo assim. *Best seller* foi apenas um acaso, o livro vendeu muito. Mas no Brasil, vender muito parece significar má qualidade. Porém ninguém perguntaria a Marguerite Yourcenar se seu **Memórias de Adriano**, que vendeu muitíssimo, é *best seller* ou autoajuda....Esse tema é ridículo. O **Perdas** foi apenas irmão mais moço do **Rio do meio**, e mais velho da **Riqueza do mundo**....nada mais.

IB: Como você definiria o ato de sua escrita: um dom finamente elaborado, apenas intuição, ou um conjunto de sensações que não cabem em você mesma?

Lya Luft: Precisa ter um talento, saber a certa altura: Eu nasci para isso, pois é o que me dá alegria, realização, plenitude. Precisa trabalhar no sentido de ser exigente com o texto, e o meu eu elaboro muito, na busca de mais simplicidade sem perder certo refinamento. E coisas mais que não sei explicar, mas que devem fazer parte de qualquer arte.

IB: Ultimamente, você tem publicado livros ensaísticos, que discorrem, normalmente, sobre temas cotidianos. Por que a opção em se dedicar à escrita desse tipo de livros, digo, por que não mais ficção?

Lya Luft: Engano seu: publiquei ficção em 2009, **O silêncio dos amantes**, e de momento escrevo um romance, de título provisório “O Espelho que me observa”. E se olharem bem, meus poemas, como “Para não Dizer Adeus”, são histórias. Escrevo crônica desde os vinte e poucos anos! É um bom exercício de mais objetividade, é outro tipo de escrita, gosto muito. Não sei por que a um pintor não se pergunta: por que faz cerâmica, e óleo, e aquarela, e escultura, e instalações, e algo mais? Mas pergunta-se ao escritor!

Muitos escritores escrevem vários gêneros, quando surge vontade, ocasião, sei lá. Parece apenas natural. Virginia Woolf escrevia romances,

artigos vários, publicou palestras que dava para mulheres muito simples (**A room of one’s own**), e até um livrinho sobre artes do seu cachorro, “Flush”. Ninguém achou nada demais. Clarice, aqui no Brasil, manteve anos a fio uma coluna de assuntos femininos e domésticos num grande jornal carioca, dando receitas, comentando roupas (babadinhos, frufus), algo totalmente fora do que se imagina Clarice. Ninguém critica, nem questiona. Então, é apenas natural. Por alguma razão, de vez em quando me perguntam e questionam sobre isso. Acho que virou mania das pessoas...

IB: Como foi – ou como tem sido – para você a produção de Literatura infantil? Como surgiram as primeiras idéias para o livro **Histórias de bruxa boa**, que não se contiveram apenas nele e provocaram o **A volta da bruxa boa**? Gostaria que você falasse um pouco, também, da experiência de escrever em parceria com seu filho Eduardo.

Lya Luft: Depois do **Histórias da bruxa Boa** e **A volta da bruxa boa**, decidi escrever algo para crianças um pouco maiores (embora isso da idade seja muito relativo), digamos, de oito a dez anos. Quis introduzir algo de filosofia para crianças, não mencionando filósofos etc, mas instigando a pensar. Como meu filho

mais moço, Prof. Eduardo Luft, da PUCRS, é doutor em filosofia por Heidelberg, e conversamos muito, pedi a ele que me assessorasse para eu não escrever bobagens. Foi escrito a quatro mãos, basicamente por emails, e nos divertimos muito.

As bruxas um e dois nasceram de histórias que fui inventando para minha neta Isabela, filha de minha filha Susana, que é médica pediatra, quando a mãe esperava as irmãzinhas gêmeas. Isabela tinha menos de quatro anos. Morávamos na mesma casa, e ela muitas vezes vinha dormir comigo. Comecei a inventar umas histórias sobre eu ser uma bruxa boa disfarçada de avó, e ela minha aprendiz de bruxinha. A coisa foi evoluindo, comecei a anotar no computador para não esquecer, e poder relatar mais tarde às meninas que estavam por nascer. Um dia olhei, e achei que davam um livro, o primeiro da Bruxa. A editora Record gostou, convidou a mãe das gêmeas, que também é pintora, para ilustrar, achei que ficou uma delícia. Poucos anos depois vi que ainda tinha coisas a falar para crianças, como a questão da morte (por que não tenho vovô?), de preconceito e de novos casamentos (tem tio Vitor na história, quando entrou em nossa vida, depois de eu ficar viúva duas vezes, meu atual companheiro), e escrevi outras histórias, sempre com

enorme alegria. Parece que tem dado certo. Possivelmente mais Bruxas virão no futuro, não sei. O retorno de parte de crianças e adultos tem sido muito bom.

IB: Qual a diferença entre a escritora Lya Luft ficcionista, a romancista, a poeta, a tradutora e a colunista da **Veja**?

Lya Luft: Nenhuma e tudo. A mão que escreve no computador é a mesma. A postura, como escrevi acima em alguma das respostas, é outra. Na ficção, liberdade absoluta. Nos artigos, me prendo a certa objetividade e o número de caracteres além da data de entrega....Mas sempre me divirto muito.

IB: Alguns críticos literários defendem a idéia de que o escritor deve desempenhar um papel intelectual. Você se reconhece mediadora desse papel? De que maneira você sente que o desenvolve?

Lya Luft: Nem penso nisso. O que os críticos acham não me interessa muito, a não ser quando apontam em meu texto algo que me ilumine. Não sou uma intelectual: sou uma escritora. E já me dá bastante trabalho.

IB: O que é, para você, escrever na revista **Veja**, digo, o que isso representa para sua atividade literária –

a propósito, você considera esse tipo de escrita como algo literário?

Lya Luft: Sendo escritora, tudo que escrevo é literário, claro. São apenas artigos, como as crônicas que escrevi por anos em um ou outro jornal. É trabalho, mas é prazer. Não sofro qualquer pressão, ou censura, portanto é apenas outra forma de expressão, e não é nova na minha trajetória. No começo estranhei o número imenso de leitores, mais de um milhão. Mas logo tratei de esquecer isso, para não me sentir paralisada.....

IB: Você pensa em voltar a escrever romances?

Lya Luft: Já respondi. Eu me considero além disso no fundo sempre uma ficcionista. Não pretendo parar.

IB: Eu gostaria que você falasse um pouco sobre sua predileção pelo poeta Rainer Maria Rilke. Como se estabeleceu essa aproximação entre você e os escritos de Rilke, e por que eles a tocaram de forma tão constituinte?

Lya Luft: Ganhei de meu pai, na adolescência, poemas de Rilke em alemão, num livro em papel seda, bem fininho, e mal comecei a ler tive esse deslumbramento que nunca cessou. Cada página, cada poema, me atinge de novo, pungente e fundo. Como

escrevi acima, por essa mistura de belo e sinistro, pelo uso incrível da palavra e das imagens, e pelas combinações que faz, pela estética, tudo. E todo o resto que não se explica.

IB: Sobre um estilo de escrita, que define traços comuns e recorrentes ao modo de expressão de um autor, Schopenhauer nos diz que “o estilo é a fisionomia do espírito.” Como você interpreta essa assertiva, em relação à sua obra?

Lya Luft: Nunca penso nesses termos. Tenho o meu estilo, que um entendedor ou até um leitor comum reconhece, mas não sei de que ele se constitui. Foi-se criando ao natural, e se depurando, e é meu. Mas, de novo: nunca penso nesses termos.

IB: Por que as ambigüidades que circundam as esferas do humano são sempre elementos motivadores de sua escrita?

Lya Luft: Porque somos ambíguos, somos muitos, e por isso somos interessantes como matéria de ficção desta autora aqui, desde quando eu era menininha. As franjas, o avesso, os silêncios, o não-dito, as contradições, nos enriquecem como pessoas e personagens, ao menos para mim.

IB: Você já pensou, nesses tantos anos de carreira literária, em parar de

escrever? Quais seriam os prováveis motivos que a levariam a isso?

Lya Luft: Nunca pensei. Parei nos seis anos que mencionei acima, entre *Exílio* e *A Sentinela*, porque estava em estado de choque por uma razão pessoal, eu acho. Voltei naturalmente, e nunca penso em parar porque não vejo motivo. Espero ter lucidez e alegria para escrever até o fim, quem sabe?

IB: Como você define sua experiência com a poesia? Quais são os critérios para dizer que um livro será poesia e não romance e não crônicas e não contos e não ensaios? Como isso se define na sua técnica literária?

Lya Luft: Não defino nada e nem penso em técnica literária. Algo nasce como poema, e pronto. Os artigos, eu sento para escrever como artigos, porque tenho compromisso com a revista. Os romances são mais lentos, é uma longa dança de sedução entre os temas e a autora, as personagens e a autora, as personagens entre si, uma música lenta, e na sombra, meio penumbra, de onde aos poucos vão se destacando, se criando e enlaçando, e desfazendo e refazendo em outras formas e outras relações. Ou não. Nunca penso em mim em termos de técnica, mas de intuição, escuta do meu interior, contemplação das personagens, e das tramas, e minha prazerosa e atenta intervenção nisso tudo.

IB: Como você gostaria de ser vista, enquanto escritora que é?

Lya Luft: Uma escritora séria, que se respeita e quer ser respeitada, mas muito simples, reservada, recolhida aqui em sua casa, avessa a badalações, e difícil de atrair com coisas intelectuais.

IB: Qual é a ideia que a acomete no momento em que você escreve, digo, para quem e por que você escreve, e qual é a idéia que você gostaria que se constituísse em nível de sua obra?

Lya Luft: Muitas idéias. Às vezes um vazio, que é a escuta do que poderá vir--- ou não, às vezes é só silêncio e aí vou fazer outra coisa. Pintar, por exemplo, pinto umas coisas muito simples, mas me divirto enormemente. Se o livro quiser ser escrito, ele voltará a me importunar, e eu corro atrás. Não sei o que significaria essa “idéia que se constituísse em nível de minha obra”

IB: Você percebe, nos textos literários, uma contribuição para a formação humanística do homem? Você se propõe a contribuir para isso, com seus textos?

Lya Luft: Eu não me proponho nada disso. Não penso em contribuir com nada, acho que seria pretensioso. Me proponho escrever um bom texto, tão bom quanto sou capaz, dentro de meus muitos limites. Possivelmente alguns

deles façam alguma pessoa parar para pensar um pouco. Ou lhe darão um momento de beleza. De emoção. De introspecção. De desejo de mudar alguma coisa. Mas eu não estarei lá para saber, o que aliás me dá uma enorme liberdade.

IB: No livro **Palavra de Mulher**, você é definida assim: “Lya Luft: uma mulher gaúcha, brasileira, que tenta jogar com as palavras e com personagens, criar, inventar, cismar, tramar, sondar o insondável. Uma mulher que tenta entender a vida, o mundo e o mistério e para isso escreve.” Quem é Lya Luft hoje, digo, como você se definiria diante dessas palavras, bem como o que mudou dessa Lya para a dos dias de hoje?

Lya Luft: Continuo jogando com palavras e temas e personagens. Continuo querendo entender o mundo, mas talvez mais consciente de que não entenderei, e que por isso é que escrevo. A frase não é minha mas acredito nela: “O mais importante não são as respostas, são as perguntas.” Porque não há respostas.

IB: Sabemos que para pertencer à Academia Brasileira de Letras, é preciso, antes de tudo, de uma iniciativa pessoal e particular: a de se candidatar ao posto de alguma das

cadeiras acadêmicas. Você já teve essa iniciativa alguma vez? Por que não estar junto de Nélida Piñon e Lygia Fagundes Telles, já que todas vocês são consideradas grandes revelações literárias, especialmente no contexto de produção literária de autoria feminina do século XX?

Lya Luft: Fui sondada e convidada várias vezes, desde muitos anos, quando Lygia entrou, por exemplo. Não acredito em grupos, em associações, sou muito reservada, gosto de estar quieta na minha casa. Não sou humilde o bastante, talvez, para fazer campanha e pedir votos, quem sabe? Tenho lá amigos amados, como Lygia, Nélida, o falecido Scliar e outros, mas não me atraí em nada. Não me imagino acadêmica. Posso um dia mudar? Posso. Mas acho difícil.

IB: Como você analisa a obra de Nélida Piñon e a de Lygia Fagundes Telles nesse contexto que apresenta textos literários produzidos por mulheres? Você reconhece alguma proximidade entre as temáticas que elas abordam e os seus romances / livros?

Lya Luft: Não sei dizer. Todos os livros do mundo que tratam de família, relacionamentos, com uma visão em parte feminina, são relacionados de alguma forma. Lygia dizia, quando eu era jovem, que éramos as duas da mesma

família literária, o que me dava naquele tempo certo orgulho. Mas escrevemos diferente, Nélide idem. Somos amigas, nos queremos bem, nos respeitamos, somos três mulheres escrevendo, como tantas neste mundo. Nos vemos raríssimamente, nos comunicamos pouquíssimo, mas estamos aí.

IB: Qual é a sua postura diante da crítica literária, que, muitas vezes, vê seus livros mais recentes – **Múltipla escolha** e **A riqueza do mundo** – como um retrocesso na sua carreira literária? E o que essa crítica representa quando você está escrevendo esse tipo de livro?

Lya Luft: Acho uma tolice abismal achar que escrever artigos ou ensaios seja retrocesso, se sempre fiz isso. Vão primeiro ver minha obra. Não me diz nada.

IB: Por que essa atual predileção pelos ensaios em vez de ficção?

Lya Luft: Continuo escrevendo ficção, como já disse acima. Mas um romance é mais elaborado, exige mais tempo, outro mergulho, outra postura. Escrever ensaios e artigos é uma outra maneira de expressão, que sempre cultivei. Só que não era tão conhecida, nem sempre reunia em livro, etc etc etc. Não há predileção. Há circunstância. E na verdade acho que isso não tem a menor importância.

IB: Como você define o seu fazer literário: escolha, prazer, modo de sobrevivência, amor, dom, dedicação, compromisso, ou outra função qualquer?

Lya Luft: Dom..., sendo isso inclinação, prazer... alegria...

IB: Quais são os futuros planos da escritora Lya Luft?

Lya Luft: Terminar meu romance, que vai levar tempo. Escrever direito meus artigos na **Veja**. Talvez mais literatura infantil, a Bruxa Boa ainda espia sobre meu ombro, e me divirto imensamente com ela. E tudo o mais que através de mim quiser ser escrito.

IB: Qual é o seu lugar sagrado na ficção e na vida real?

Lya Luft: Na literatura é meu momento de quietude, aqui no computador ou na minha poltrona predileta, olhando a paisagem aqui, ou a mata na minha casinha de Gramado. Escutando a natureza. Na vida real? Meu lugar sagrado é minha casa, e qualquer parte do mundo com minha família, marido, filhos, netos, e, claro, os bons amigos.

IB: Como você reflete sobre a morte e sobre o tempo – temas tão recorrentes em suas ficções – nos dias de hoje, digo, o que mudou, em nível de análises, de idéias e de abordagens feitas pela

autora de **As parceiras** para a autora de **A riqueza do mundo**? A propósito, você considera este – sair da ficção para a realidade – um processo autoral muito diferente? O que exige mais ou menos de você, enquanto autora?

Lya Luft: Nunca saí da ficção para a realidade, repito: sempre fiz ficção e poesia e crônica e artigos. Talvez hoje em nível de idéias, nos artigos eu seja mais contundente, mais objetiva, não sei bem. Mais corajosa um pouco?, saindo mais de mim mesma? Mais ainda as questões sociais, política, economia---sempre como amadora e observadora.

IB: Para quem você escreve, hoje?

Lya Luft: Para quem sempre escrevi: alguém imaginário, algum amigo imaginário, talvez meu leitor. E para mim mesma.

IB: Quais são as marcas indeléveis da cultura alemã na escritora brasileira Lya Luft?

Lya Luft: Nasci e vivi numa cidadezinha de descendentes de imigrantes alemães, hoje uma cidade universitária. Meu pai era advogado, e fundou a Faculdade de Direito que foi semente dessa universidade. Em sua biblioteca pessoal havia literatura alemã, francesa, italiana, brasileira e portuguesa. Eu me alimentava disso,

era apenas natural. Falava alemão com minhas avós, embora elas também fossem brasileiras. Penso que a literatura e alguns costumes me influenciaram. Ainda fazemos Natal com árvore enfeitada e músicas, ainda gosto muito de ler alemão, mas não falo mais tão bem. Tudo foi sendo natural. Sempre me rebelei modestamente contra certa rigidez germânica, que hoje não creio que exista mais, ou é rara. A gente escutava Mozart e Brahms e cantava velhas canções alemãs, mas também brasileiras. Nada fanático, na nossa casa. Se há rastros disso na minha literatura, os estudiosos devem descobrir.

IB: O que mais te incomoda em nível autoral: críticas, cobranças, leituras equivocadas, etc.?

Lya Luft: Cobranças do tipo “por que não escreve mais ficção e menos artigos?”, e leituras equivocadas, como essa tolice imensa da auto-ajuda no **Perdas**. De resto, pouca coisa me incomoda. Me aborrece acharem que sempre falo de mim mesma.

IB: Por que você não assume, na sua literatura, o teor de feminismo que muitas de suas personagens representam? Se, em **O rio do meio**, nós lemos de você mesma: “Eu falo de mulheres e destinos”, por que não

revelar uma tendência que talvez seja naturalmente própria aos textos de autoria feminina?

Lya Luft: Quem disse que não assumo nada disso? E o que você diria que é assumir o feminismo? Escrever que os homens são vis, por exemplo? A sociedade injusta com as mulheres? Isso é o óbvio, já foi mais do que martelado. Talvez eu fale indiretamente nas minhas personagens, mas também escrevo homens sofridos e injustiçados. É que eu nunca penso em mim como mulher: sou uma pessoa. Um ser humano. Como tal, quero dignidade, respeito, liberdade, para mim e para todos, homens, mulheres, crianças, as raças todas. O feminismo teve seu papel importante, me parece que se esmaeceu, não sei, não me importa muito. Vejo cada vez mais mulheres com funções importantes e bem desempenhadas no mundo todo ou em grande parte dele: é a natural evolução das coisas e da sociedade, com ajuda da luta de muitas. Nunca recusei nada, nunca neguei nada, mas me parece até um pouco ultrapassado desfraldar hoje bandeira feminista.

IB: Você também disse, em entrevista recente, que não gosta “dessa coisa de autoria feminina”, e que você gostaria, ao contrário, de escrever com o “vigor de um homem”. Qual a possível

supremacia que o vigor de um homem poderia exercer sobre a posição de uma mulher, isto é, qual é o *valor* que você confere a esse vigor masculino, para querer escrever como um homem? Não seria esta uma postura inteiramente antifeminista, contrária ao seu sentido mais genuíno, uma vez que somos mulheres, e que essa nossa condição é inegável?

Lya Luft: Essa minha frase veio numa entrevista em que mencionei a tolice de certo crítico que anos atrás, querendo me elogiar, disse que sou mulher mas escrevo com mão de homem. Nada mais. Talvez eu tenha reagido com certa intensidade.

E não vi até hoje nenhuma explicação convincente, para mim, da diferença entre texto masculino e feminino. Um desconhecido, lendo Clarice e Machado, diria logo: isso é homem, isso é mulher? Me pareceria candura demais pensar nisso.

IB: Gostaria que você escrevesse, em algumas linhas, como você se definiria como autora, e também qual é a leitura que você faz da sua própria obra. Um texto que revelasse **O autor por ele mesmo**, isto é, quem é a autora Lya Luft para a escritora Lya Luft, bem como os propósitos que engendram suas obras.

Lya Luft: Penso que já escrevi extensamente sobre isso acima. Não

tenho propósitos ao escrever, a não ser escrever direito, respeitando a mim e ao eventual leitor, tendo prazer com isso, tento de certa forma, em parte, organizar minimamente, na escrita, nas tramas, personagens ou temas, meu sentimento do mundo, com suas angústias e encantamentos. Sou uma pessoa simples numa profissão muito complexa. Sou uma pessoa tímida, demais exposta pelos seus livros. Sou uma pessoa que tem um pungente sentimento do mundo, empatia pelo ser humano, sentimento de fraternidade, e me entristecem a solidão, a violência, a injustiça me causa funda indignação. Sou uma ficcionista que também é poeta, e que escreve pequenos ensaios, e artigos, porque talvez neles consiga expressar mais objetivamente sentimentos como indignação e repulsa. Sou uma autora que escreve com prazer, sem angústia pela página em branco, pois se não tenho nada a dizer fico calada, sei que a palavra voltará em seu tempo. Sou uma pessoa, e uma autora, que preza extremamente sua liberdade, e a dignidade. Portanto, também a dos outros. Sou quieta, recolhida, por escolha crescente, prefiro observar, e falar nos meus textos. Sou uma mulher no limiar da velhice, em busca de simplicidade, curtindo afetos e tecendo tranquilos projetos, nada mais.